

CHRISTIAN GARCÍA BELLO  
02.04.2022 | 14.05.2022

**ABARLOAR**

No jargão marítimo espanhol, colocar um barco junto a outro denomina-se “abarloar”. Os dicionários navais não deixam claro se as embarcações reunidas chegam a tocar-se ou não. No mar, as coisas não permanecem estáticas. Nesta incógnita subsiste, sensualmente, o aquoso, o oscilante e o magnético.

O arquiteto Juhani Pallasmaa diz-nos que a visão revela o que o tato já conhece. Se o toque for mais madrugador do que a vista, reconhecem-se dois corpos flutuantes à beira de se tocarem, mesmo que as suas peles sejam inertes? A resposta é que a física suspeita do que a intuição conhece. A nível atómico, todo o contacto entre superfícies é descrito como uma interação entre os eletrões e os campos magnéticos. A nível humano, o sentido do tato é a forma que o cérebro tem de interpretar essa interação, quando é intermediada pela nossa pele.

Esta exposição explora o aspeto poético dessas tensões liminares e tácteis que ocorrem quando dois corpos entram em contacto. Na prática escultórica de García Bello, a formalização destes corpos é inspirada pelo ascetismo da tradição popular e a sua materialização estabelece uma ligação profunda com o território e a paisagem. Uma paisagem que, no caso da Galiza e de Portugal, é delineada por um horizonte flutuante, contínuo e comum: o Oceano Atlântico.